

PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: COTIDIANO E REPRESENTAÇÕES DE APOSENTADOS QUE CONTINUAM TRABALHANDO NA PRODUÇÃO CALÇADISTA

Thais Silva Cintra – Bolsista Fapesp

Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Centro Universitário de Franca – Uni-Facef

1- Introdução

O Brasil, entre os países mais populosos, é um dos que apresenta o maior índice de envelhecimento populacional. Diante de estudos das perspectivas de crescimento da população economicamente ativa (PEA), estima-se que entre 2000 a 2020 a população economicamente ativa estará acima dos cinquenta anos (GIATTI; BARRETO, 2003). Camarano (1999), também confirma a expectativa do idoso brasileiro de deixar a aposentadoria para depois e continuar integrando a população economicamente ativa, afinal, a maioria dos idosos que se aposenta ganha o equivalente a um salário mínimo, o que mal dá para a própria sobrevivência.

Para Gatto (2002), a perda de ordem econômica-social chega junto com a aposentadoria, onde há uma ruptura do vínculo profissional e do papel social. Esta fase vem acompanhada de um declínio no padrão de vida e a pessoa a enfrenta sem estar preparada emocionalmente. A própria palavra aposentar representa uma imagem negativa, podendo ser entendida como “pôr de parte, de lado” (ZANELLI & SILVA, 1996).

Para Paschoal (2002), hoje há uma grande negação em se tornar velho, as pessoas evitam planejar e pensar a respeito desta fase. Este sentimento está ligado à imagem pejorativa criada sobre o velho.

A atual pesquisa está sendo realizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo, que possui como base da economia a produção de calçado masculino. Segundo Barbosa & Mendes (2003), a indústria calçadista passou por um acentuado processo de terceirização recentemente, havendo uma fragmentação na produção. Parte dela passou a ser executada nas residências de trabalhadores, ou bancas de pesponto¹, modificando a dinâmica familiar e do próprio trabalho, afinal, o trabalho e a rotina da casa dificilmente se distinguem nesta situação. Como a remuneração é proporcional à produção, praticamente todos os membros da família trabalham.

A partir desta especificidade local, verifica-se que os aposentados contribuem nesta dinâmica, afinal trabalhar no setor informal pode ser a maneira de conseguirem complementar a renda, já que a aposentadoria geralmente é insuficiente. Assim, é importante conhecer a perspectiva e a vivência destes aposentados que realizam serviços em suas residências, com vistas a identificar os possíveis prejuízos e vicissitudes causados pela realização do trabalho na fase de vida em que se encontram.

2 - Método

O artigo apresentado está fundamentado na abordagem qualitativa e etnográfica, onde se busca estudar o fenômeno em seu acontecer natural. Para Minayo (1996), a pesquisa qualitativa aborda a subjetividade da população estudada, visando conhecer as singularidades existentes dentro de um determinado contexto social. Segundo André (1995), leva-se em conta “todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (p.17).

A pesquisa foi realizada em duas fases, na fase exploratória foi realizada observação participante em dez residências de um bairro operário local. Na segunda fase, focalizada, foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas com cinco aposentados. Os dados passaram por uma análise de conteúdo tradicional, segundo os moldes propostos por Bardin (1977) e por uma análise hermenêutica-dialética, que busca uma reflexão sem rompimento com a prática, determinando a autocompreensão dos dados coletados (MINAYO, 1996).

3 – Resultados e Discussão

3.1 – Observação Participante

O bairro escolhido para a realização da pesquisa foi criado a partir de um programa entre a Caixa Econômica Federal e a prefeitura. O surgimento do bairro ocorreu em setembro de 2003 e sua localização é na periferia da cidade.

O bairro não possui igrejas, clubes, praças, postos de saúde, NUBS, creches e escolas. Mas a prefeitura oferece ônibus escolar, além do bairro possuir transporte público, onde é realizada a ligação bairro-centro. O bairro é iluminado, asfaltado, possui saneamento básico e telefone público.

As casas são populares. No interior das dez residências observadas ainda é mantido o modelo padrão de construção: dois quartos, um banheiro, sala e cozinha. Algumas foram modificadas no lado externo, como varandas e muros. Três residências possuem um cômodo separado, onde fica a banca de pesponto. Em sete casas acontece a costura manual do calçado, sendo que em quatro residências o local de trabalho é a sala, e em três a costura é realizada na varanda. Na costura manual, que é realizada dentro da residência, não há divisão entre local de trabalho e de moradia. Dos moradores de dez residências, seis disseram trabalhar com sapatos somente pela necessidade financeira.

3.2 – Entrevistas Individuais

Os participantes da segunda etapa da pesquisa, ou fase focalizada, podem ser observados no quadro a seguir:

Participantes(os nomes são fictícios)	Idad e	Papel familiar	Estado Civil	Função profissional
Maurício	49	Marido e avô	amasiado	Costura manual de sapato;
Pedro	52	Marido e pai	casado	Fábrica de sola;
José	62	Marido e pai	casado	Costura manual de sapato;
Estér	34	Mãe e responsável pela casa	divorciada	Costura manual de sapato;
Jair	61	Marido e pai	casado	Costura manual de sapato;

Quadro 1: Participantes da pesquisa

Após a análise dos dados, observou-se que somente um entrevistado sofreu com seu processo de aposentadoria. Os outros quatro entrevistados desejavam e lutavam pela aposentadoria. Contudo, aqui há uma contradição com o que é frequentemente encontrado na literatura, porque segundo Gatto (2002), a perda de ordem econômica-social chega junto com a aposentadoria, onde há uma ruptura do vínculo profissional e do papel social. O único participante que disse ter sofrido quando se aposentou, apontou que foi difícil se desfazer de um trabalho que gostava de fazer e dos vínculos sociais provenientes do ambiente de trabalho.

Camarano (1999) confirma a expectativa do idoso brasileiro de deixar a aposentadoria para depois e continuar integrando a população economicamente ativa, afinal, são quase que

obrigados a isto já que a maioria dos idosos que se aposenta ganha o equivalente a um salário mínimo. Nas entrevistas, o que apareceu foi o desejo de se conseguir a aposentadoria. Pedro e José fizeram planos para este momento, enquanto Estér, José e Jair disseram que a aposentadoria é positiva e se sentem alegres por já estarem aposentados, como pode ser exemplificado pelo seguinte relato:

(...)a aposentadoria é uma conseqüência da nossa vida, que é até um motivo de alegria quando você se aposenta, porque você sente assim um vitorioso, porque você começa a trabalhar cedo com certeza você aposenta mais cedo (...) hoje eu me encontro com 62 anos, mais me sinto um jovem e feliz por tá aposentado já”.(José)

Já a literatura (ZANELLI & SILVA, 1996; GATTO, 2002) aponta que a palavra *aposentar* representa uma imagem negativa, podendo ser entendida como “pôr de parte, de lado”. A partir desta representação acredita-se que o aposentado ou o ser idoso caracteriza a fase da dependência, da improdutividade, do ser doente, enfim, somente situações negativas. Contudo, diante dos relatos das *percepções sobre o trabalho após a aposentadoria*, os entrevistados parecem dar uma solução para este estereótipo. Quatro aposentados disseram que trabalhar após se aposentar é um ponto positivo, já que a pessoa se sente útil e a saúde do corpo e da mente é mantida. Este aspecto pode ser exemplificado pelo relato de Jair:

“(...) ficá a toa não dá...tem que fazê qualquer coisa...senão fico meio sufocado...tem que tá mexeno (Jair)

Segundo Paschoal (2002), hoje há uma grande negação em se tornar velho, as pessoas não se preparam para envelhecer, evitando planejar e pensar a respeito desta fase da vida. Nos relatos obtidos sobre a *percepção da velhice*, pode-se constatar que entre os cinco aposentados entrevistados, nenhum deles pensava em envelhecimento na época da juventude. Além disso, quatro entrevistados mostraram negar a velhice, dois relataram ter um pouco de medo de envelhecer, mas não se admitiram velhos e nem incapacitados de continuarem trabalhando.

Pedro relatou também que tem um pouco de medo da velhice, mas que é preciso aceitá-la. Afirmou que muitas pessoas abusam e a velhice acaba chegando mais cedo. Ele disse não se considerar velho. Estér também disse ter medo de ficar velha, como pode ser observado em seu relato:

“(...) eu vejo a velhice como uma chatice,...acho que eu tem medo de fica assim: ranzinza” (Estér).

O único entrevistado que já se considera velho, disse não se sentir incomodado com a chegada desta fase. Mas, diante da maioria dos relatos, pode-se dizer que as pessoas adiam o seu envelhecimento, tal como vem indicando a literatura especializada.

4 – Considerações finais

É possível identificar que a população específica desta pesquisa, que se caracteriza como uma população de nível sócio-econômico baixo, não mostra uma representação de aposentadoria tal como a literatura especializada aponta. Para os entrevistados de forma geral, a aposentadoria é um ganho, até porque não significa uma ruptura com a vida produtiva. No entanto, ao se tratar do tema envelhecimento, observou-se maneiras de lidar muito próximas ao que a literatura vem trazendo, tendo sido observado o medo e a negação do enfrentamento desta fase da vida.

5 – Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de. **Etnografia da prática escolar**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa; MENDES, Alexandre Marques. Capital, trabalho e formação da classe na indústria de calçados. **Políticas públicas e sociedade**. Revista do mestrado acadêmico em políticas públicas e sociedade da universidade estadual do Ceará, v. 1, n. 5, p. 63-71, jan/jun.2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMARANO, Ana A.; **Muito além dos 60 – Os novos idosos brasileiros**. Ed. IPEA, Rio de Janeiro, 1999.

GATTO, Izilda de Barros. Aspectos psicológicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002.

GIATTI, Luana; BARRETO, Sandhi M. “**Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil**” Cad. Saúde Pública, v.19, n.3, Rio de Janeiro jun. 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.org/index.php>>. Acesso em: 06 nov. 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1996.

NAVARRO, Vera Lúcia. **O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçado**. São Paulo: Pespec. [online]. v. 17, n. 2 (citado 20 julho 2005), p. 32-41, Abr/jun 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.php?script=sciortex&pial=s0102-88392003000200005&Ing=pt&nrm=isso>. ISSN0102-8839>. Acesso em: 12 out. 2005.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. Epidemiologia do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal. **“Programa de preparação para aposentadoria”**. Florianópolis: Insular, p.17-34, 1996.

¹ Segundo Navarro (2003), a banca de pespontos é uma oficina de trabalho que presta serviços à indústria de calçados local, realizando serviços de corte do couro, pespontos, costura e enfeites. Elas compõem o cenário do trabalho informal realizado por pessoas que, antigamente, trabalhavam em fábricas de calçados e que atualmente, continuam exercendo sua profissão, mas em um outro espaço: o espaço doméstico. É uma realidade onde dificilmente separa-se o trabalho do cotidiano familiar.